

**OS 'CAÍDOS' DE
JOAQUIM
MANUEL DE
MACEDO
PROSELITISMO
POLÍTICO E
EXPERIMENTA-
LISMO NO
ROMANTISMO
BRASILEIRO**

Tania Rebelo Costa
Serra
Universidade de Brasília

RESUMO: *Este trabalho é a continuação de outro, apresentado no VI Seminário Internacional de História da Literatura, da PUC/RS, em outubro de 2003, intitulado: "Os abismos de Voragem (1867), de Joaquim Manuel de Macedo. Pré-Realismo/Naturalismo no Romantismo brasileiro?", no qual discuto a questão da periodização literária no poema narrativo Mazelas da atualidade. Romances de Improviso Voragem. No atual trabalho, apresentarei a introdução, na obra de Macedo, do tema do "caído", em contraposição ao da "caída", ou cortesã de alma branca. Após recuperar historicamente a origem deste tema, e seu desenvolvimento desde meados do século XVIII até quase o fim do século XIX, verificarei como sua "atualização" teve como consequência, não só a renovação do público, como também da temática na obra do escritor fluminense.*

Palavras-chave: Joaquim Manuel de Macedo; pré-realismo; naturalismo.

ABSTRACT: *This paper is the follow up of a previous one presented at the 6th International Seminar on History of Literature, at the PUC RS, in October 2003, titled: "The abyss in Voragem (1867), by Joaquim Manuel de Macedo. Pre-Realism/Naturalism in Brazilian Romanticism", in which I discussed the question of literary periods in the work Mazelas da Atualidade. Romances de Improviso. Voragem. In the present paper I will present the introduction in Macedo's work of the male version of the "fallen angel" theme, the caído, as opposed to the common female version of that theme: the prostitute with a "white soul", the caída. After researching the historical origin of that theme and its development from the middle of the 18th Century until almost the end of the 19th Century, I draw the conclusion that the change brought about by Macedo had as a main result the change of his traditional public.*

Keywords: Joaquim Manuel de Macedo; pré-realism; naturalism.

Em outubro de 2003, durante o V Seminário Internacional de História da Literatura, realizado na PUC de Porto Alegre, apresentei o trabalho intitulado: "Os abismos de Voragem (1867), de Joaquim Manuel de Macedo. Pré-Realismo/Naturalismo na literatura brasileira?" Nele, discuto, basicamente, a questão da periodização literária no Quadro I da obra *Mazelas da atualidade. Romances de Improviso. Voragem*, do autor fluminense, e concluo ter havido nesse romancete/poema narrativo uma "crase" entre os estilos pós-gótico e pré-naturalista.

Baseada na análise do protagonista Durval, proponho tratar do que chamei no artigo mencionado de "o paratema do caído", uma espécie de versão masculina do famoso tema romântico da caída, ou cortesã de alma branca, hipótese do presente estudo. Antes de continuar, contudo, é necessário observar que há nesse texto inovador de Macedo duas diferenças significativas no tratamento dado a esses personagens: enquanto a caída tradicional vende o corpo, o caído vende a alma, pois, contrariamente ao paradigma do tema em questão, nosso mancebo a tem nigérrima. Já no que diz respeito à maléfica protagonista, a Voragem é todo o oposto do conhecido tipo romântico da cortesã-vítima, representando o protótipo do anjo decaído com o sinal negativo.

Em função do acima exposto, daqui por diante passarei a referir-me ao assunto desta pesquisa como: o paratema do caído/caída negativos. Assim, aqui pretendo: 1- recuperar historicamente a origem do tema da caída, analisando-lhe o desenvolvimento diacrônico; 2- evidenciar a recorrente utilização dele por Macedo; e, por fim, 3- verificar se tema - com os duplos sinais - e paratema constituiriam um *leitmotiv* no *corpus* da ficção macediana.

A fim de alcançar os objetivos propostos, primeiramente é necessário introduzir dois conceitos. O primeiro diz respeito à não-homogeneidade da escola romântica e à polêmica questão sobre a abrangência do Romantismo. Na verdade, essa polêmica tem como resultado uma nova teoria proposta pelos especialistas, que criam, em última análise, uma pluralidade dentro do Romantismo, introduzindo o conceito de romantismos. resolvendo, assim, grosso modo, o problema da abordagem metodológica. Por outro lado, também poderíamos dizer que, hoje, quando se trata do conceito no plural, já se poderia falar em um consenso entre os tex-

tos anclares dos historiadores da literatura, entre os quais a *História da literatura ocidental*, de Otto Maria Carpeaux, que agora passo a utilizar.

Já o segundo conceito com o qual lidarei é corolário do acima referido e refere-se à existência de duas grandes vertentes que subdividem aqueles romantismos, a saber: os "romantismos em oposição" - quando veiculam uma explícita crítica social - e os "romantismos de evasão" - quando essa crítica é implícita. Carpeaux analisa ambas em sua função ideológica, e ambas são por ele compreendidas como "literatura política, mesmo e justamente quando pretende ser apolítica".

Vamos investigar, agora, a linhagem, ou melhor, a "árvore genealógica" da temática da caída. Antes, contudo, é preciso ter em mente que essa temática, que sabemos recorrente, nem é exclusiva do ultra-romantismo nem daquele de transição, mas sim decorrente de uma ideologia embasada na ética social, que permeia toda a escola. Por outro lado, tendo em vista que vários romantismos têm a característica intrínseca de voltar-se para o social e, de um modo geral, priorizam a função didática da arte, aquela ideologia vem naturalmente encontrar na temática social da caída um instrumento perfeito para veicular didaticamente sua crítica.

Onde se encontrariam, então, os primórdios dessa ideologia? Segundo Arnold Toynbee, ocorre no século XVII uma secularização da vida no Ocidente. Esta secularização daria início a uma profunda crise moral, decorrente do progressivo abandono do modelo social ético-religioso adotado até então. Esse fato resultaria numa subsequente divinização da tecnologia e numa laicização do comportamento social. Por conseguinte, resultaria, também, não só no declínio de um *modus vivendi* baseado na ética católico-cristã, mas também na anulação de muitos

tabus sociais, que passam a ser aceitos com naturalidade pelo pré-capitalismo trazido no bojo da nova ética protestante-cristã.

Em decorrência do acima exposto, a burguesia passa a dominar o cenário socioeconômico, instalando uma novapraxis social. Por sua vez, quando essa burguesia assume também o poder político, fica estabelecido o mote e definida aquela ideologia que embasará a oposição crítica dos artistas em geral contra o mundo cinzento, argentário, tecnologicamente racionalista e aético do novo protagonista social, o rico burguês. Portanto, a partir de meados do século XVIII já existiria uma linha temática de crítica social "engajada" em literatura, sendo o tema da caída, vítima de uma sociedade desumana, um corolário a esse tema principal. Aquela crise moral será, portanto, a questão fulcral em torno da qual girará a crítica social romântica, sobretudo quando esta lida com o tema dos excluídos pela hipócrita moral burguesa.

Voltando ao nosso autor e ao século XIX brasileiro, é necessário lembrar que Joaquim Manuel navegou tranqüilamente entre diversos romantismos. Em cada uma de suas duas fases, vemos diferentes exemplos deles, tanto de evasão quanto em oposição, sendo o tema da caída um entre os vários através dos quais o Dr. Macedinho expressou sua crítica social, esta recorrente em toda a sua obra. Aprofundemos, então, a análise, e verifiquemos quantas vezes, ao longo de sua vida literária, o ficcionista vai tratar dos anjos decaídos, a fim de verificarmos se é possível falar de um *leitmotiv* temático.

Após a leitura do conjunto da obra, constatamos que o tema - na versão com sinal positivo - é utilizado por Macedo cinco vezes na sua primeira fase, a "das mocinhas", a saber: nos romances góticos *Vicentina* e *O forasteiro*; no romance/poema nar-

rativo gótico *A nebulosa*; no conto *O veneno das flores* e no drama *Lusbela*. Nos quatro primeiros, a crítica social implícita leva-nos a classificá-los dentro do conjunto dos romantismos de evasão. Apenas no caso de *Lusbela*, a versão macediana da *Dama das camélias*, o realismo romântico do drama permite classificá-lo entre os romantismos em oposição. No entanto, as cinco obras seriam, seguindo a leitura de Carpeaux, literatura política.

De todo modo, no que diz respeito às obras da segunda fase, a "dos adultos", veremos o autor fluminense retomar o mito outras cinco vezes: três vezes em *Voragem*; na terceira novela d' *As vítimas-algozes*, intitulada "Lucinda, a mucama" e no romance-folhetim *Um noivo a duas noivas*. Nesses três textos, Macedo exerce crítica social de romantismo em oposição. Por outro lado, a partir de 1867 houve, também, uma transição fundamental na sua ficção, a saber: a mudança de léxico, ali, já é tão pronunciada que indica, claramente, a eliminação da leitura pelo "sexo que cora". Portanto, parece claro ter havido uma troca de público naquele momento, sendo, agora, seus leitores-alvo os jovens mancebos e-leitores.

Na verdade, em qualquer recorte escolhido dentro da história do romantismo brasileiro, pode ser verificada no *corpus* da obra ficcional de Joaquim Manuel de Macedo a recorrência com que aparece o tema da caída. Se, na primeira fase, destinado ao público feminino, na segunda fase, ao que tudo indica, visando ao proselitismo entre o público eleitor, necessariamente masculino. De qualquer forma, já seria pertinente falar desse tema como um *leitmotiv* no conjunto da obra macediana.

No entanto, o paratema do caído/caída negativos ocorrerá em um único texto: apenas nessas *Mazelas da atualidade*, que agora estudamos. Por outro lado, nos *Romances de improviso* assistimos,

ao contrário de todos os outros trabalhos de Macedo, não apenas à introdução da variante do paratema do caído/caída negativos, como também à implacável posição do autor contra esses caídos, que se manifestará de duas maneiras diferentes. Primeiramente, no mito masculinizado: apesar de a queda de Durval ser meio justificada em razão das situações sociais que o cercam, o mancebo será severamente castigado por sua fraqueza de caráter, não merecendo a costumeira redenção final e nem sequer a morte. Neste caso, vemos o professor, doutor, deputado e escritor exercendo a prerrogativa da subjetividade romântica e dando sua opinião violentamente contrária aos costumes decadentes do II Reinado, simbolizados pelo personagem de Durval.

Já no caso de Irene, temos uma situação ligeiramente diferente, pois que, com a Voragem, o autor passa a utilizar o critério estético da nova escola naturalista, evitando fazer uma crítica explícita e subjetiva. O que ele ali tenta pôr em prática é a técnica de daguerreotipar a realidade, mostrando-a tal qual é, sem oferecer opiniões ou soluções - no que é apenas parcialmente bem sucedido. Assim, apesar de Irene ser um monstro, que nos incute o horror ao vício, nenhum castigo concreto é a ela aplicado no decorrer da narrativa. Por outro lado, a protagonista não recebe nenhuma desculpa por seu comportamento ultrajante. Ao contrário: o autor constrói sua personagem de tal forma hedionda que a vemos caracterizada nem possuindo a alma branca nem tampouco merecendo a piedade do leitor, apenas seu opróbrio.

De toda maneira, creio que, nos dois casos, a intenção do médico deputado foi, através do exemplo negativo, prescrever um remédio amargo, mas salutar; passar uma mensagem dura, mas eficaz ao público eleitor, acreditando no efeito catártico de sua obra. Mas a receita fracassa, pois o tratamento de

choque dado ao eleitor em potencial prova-se-lhe letal. A ausência de qualquer outra edição posterior leva a crer que a obra foi um fracasso. Provavelmente severa demais.

Concluindo, é plausível aventar que Macedo, através dos vários romantismos, sejam de evasão ou em oposição, aproveitou-se politicamente da força social daquele mito secular e utilizou-o duplamente, não só a fim de adequá-lo ao novo público que quer alcançar, masculinizando-o e invertendo-lhe o sinal, como, parece-me, em função de um certo experimentalismo artístico. Este, por sua vez, também seria passível de uma dupla leitura: ao mesmo tempo em que o afastaria do cânone romântico datado, permitiria ao escritor deputado em curva descendente realizar o desejo - ou a vaidade - de se tornar, talvez uma vez mais, o *role model*, o carro-chefe da nova escola que nos chegava.

Assim, penso poder dizer que essa literatura faria parte de um projeto propositadamente político-social, sendo o mito aqui estudado parte estruturante dele. Creio, também, poder afirmar que, se o mito da caída de alma branca constitui um *leitmotiv* na ficção macediana, o mesmo não se pode dizer do paratema do caído nem do da caída com sinal negativo, temas que, embora afinados com as exigências da utopia social do Romantismo, provar-se-ão uma grande derrota editorial e eleitoral para o autor, não produzindo, nem de longe, o milagre que ele gostaria de poder induzir pela literatura. Por fim, os paratemas do caído e do anjo do mal, restritos à obra aqui estudada, passarão a ter interesse para a história da literatura apenas na medida em que estiveram na hora e no lugar certos para ajudar a deslanchar a engrenagem da mudança de um movimento histórico-literário para o seguinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. 8 vol.

LÖWY, Michael & Robert Sayre. *Romantismo e política*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A., 1993.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Mazelas da atualidade. Romances de improviso. Voragem*. "Quadro 1". In: *Antologia do romance-folhetim*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. Organização, bibliografia, introdução e crítica por Tania Serra.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, /Universidade de São Paulo, 1977. 7 vol.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos. A luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional /Dep. Nac. do Livro, 1994.

TOYNBEE, Arnold. *An historian's approach to religion*. Oxford/London/Toronto/New York: Oxford University Press, 1979, 2^a ed.